

Resumo da pesquisa "A conexão de mundos em Bandung, 1955"

Desenvolvida com o apoio da bolsa PIBIC/CNPq 2015-2016

Aluno: João Gabriel Naghettini Gomes

Professor Orientador: Alexandre Moreli

Centro de Relações Internacionais, CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, Outubro de 2016.

Este trabalho tem como objetivo a busca pelo lugar do Brasil e da América Latina na conferência Afro-asiática de Bandung em 1955. A principal documentação utilizada para a realização do mesmo foi a coletânea de boletins informativos produzidos na conferência e disponibilizados no website <https://bandung60.wordpress.com> pelo professor David Webster, do Departamento de História da Universidade de Bishop, no Canadá.

Dotada de diferentes interpretações, ainda que pouco estudada, a conferência de 1955 se apresenta não apenas como o marco de uma lógica neutralista no contexto bipolar da guerra fria, mas também como o momento fundador de uma noção de terceiro mundo e de solidariedade entre os países pertencentes a esse mesmo mundo. Assim, tendo em mente esse segundo caráter geral da conferência, analisei a documentação disponibilizada no website sobre a orientação do professor Alexandre Moreli, buscando identificar a participação do Brasil e da América Latina no que seria então esse momento fundador de uma ideia e de uma ação de terceiro mundo.

Os boletins em questão, meu corpo de fontes, foram organizados por um secretariado conjunto dos países organizadores. Eles são compostos de uma coletânea de informações públicas acerca dos trabalhos da conferência, contendo desde transcrições de pronunciamentos oficiais até extratos de jornais internacionais que apresentassem opiniões sobre a conferência. Após a análise da cada edição dos boletins oficiais, pude constatar que não existem neles nenhuma menção ao Brasil ou à América Latina. Mesmo os recortes de

jornais que propõem expor uma opinião vindo das Américas acerca da conferência, contentam-se em explorar apenas jornais canadenses ou norte-americanos. Assim, abandonei a busca pela presença brasileira e latino americana em Bandung para tentar construir e entender sua ausência, testando preliminarmente algumas hipóteses com base no mesmo corpus de fontes a fim de justificá-la.

Formulei então quatro diferentes explicações preliminares acerca desse silêncio brasileiro e latino americano na conferência de Bandung.

A primeira dessas hipóteses se refere a um possível racismo estrutural da conferência, pois, mesmo tendo como um de seus principais objetivos declarados o combate a estruturas de poder baseado em ideias de raça nesse terceiro mundo que estava sendo construído, culminando, por exemplo, na decisão de não se estender um convite à África do Sul, muitos dos discursos e pronunciamentos transcritos nos boletins (inclusive por parte de nações organizadoras), ainda contavam com essa grade de leitura das raças. Esses discursos acionam lógicas de funcionamento do cenário internacional colonialistas e bipolares, associando o subdesenvolvimento econômico no qual se encontravam boa parte dos participantes da conferência e a corrida armamentista nuclear entre as superpotências como consequências de um incompetente domínio recente do globo pelos ditos povos brancos. Segundo essa lógica, poderiam ser explicadas não apenas a ausência da Nova Zelândia ou da Austrália em Bandung (nações tidas como insuficientemente asiáticas para participarem da conferência), mas também do Brasil e da América Latina, pois seriam identificados com um ocidente branco, tido como antagonista em muitos dos discursos da conferência.

A segunda hipótese construída afim de elucidar esse silêncio brasileiro e latino americano refere-se a um delicado equilíbrio da conferência. Como se pode constatar nos pronunciamentos inaugurais ou em alguns dos recortes de jornais apresentados nos boletins, uma das preocupações centrais em relação à organização da conferência foi a tentativa de estabelecer um equilíbrio neutro no contexto bipolar da guerra fria. Pode-se perceber, aqui, um temor generalizado de que a conferência se transformaria numa plataforma de exportação ideológica por qualquer um dos lados do conflito. Uma vez sendo a resposta

encontrada pelos países organizadores o convite a nações concorrentes nesse conflito (como República Popular da China e Turquia, por exemplo), a presença de demasiadas nações alinhadas ao bloco de poder norte americano, poderia quebrar esse delicado equilíbrio que estava sendo construído em Bandung, possivelmente justificando, uma vez mais, a ausência brasileira e latino americana.

A terceira hipótese refere-se a uma experiência colonial recente compartilhada pela maior parte dos países participantes. Vale ressaltar que, juntamente ao combate contra o racismo acima exposto, a manutenção das independências em relação às potências coloniais europeias apresentam-se também como um dos principais objetivos da conferência (bem como a promoção de novas independências em relação às mesmas). Essa manutenção das independências não vem, por sua vez, apenas na forma do conflito armado, mas também como diferentes iniciativas em prol, por exemplo, da superação do subdesenvolvimento econômico, tido como uma outra espécie de dependência a nações europeias. Assim, esse passado colonial recente acaba derivando-se em agendas políticas similares entre as nações participantes, podendo ser vistas como a razão pela qual tantas nações se reuniam em Bandung. Muito diferentes, por sua vez, das agendas brasileiras e latino americanas, já há muito independentes.

A última hipótese deste trabalho refere-se ao caráter de encontro regional assumido por Bandung. De fato, a conferência proporcionou o primeiro contato entre representantes de nações cujos vínculos diplomáticos haviam sido cortados durante os períodos de dominação colonial europeia, sendo esse caráter inclusive ressaltado pelas nações organizadoras como um dos elementos principais de Bandung. Assim, mais que uma conferência dos não alinhados ou um momento fundador do terceiro mundo, Bandung poderia ser visto como um simples encontro entre vizinhos onde a presença de qualquer nação estrangeira se mostraria incoerente.

Ao mesmo tempo em que construí essas hipóteses em relação ao silêncio Latino Americano na conferência de Bandung, lia os trabalhos de alguns acadêmicos brasileiros, como Fábria Veçoso ou Arlindo José Reis, que analisam os impactos da conferência sobre a

política externa brasileira. Durante essa última fase da pesquisa, acabei deparando-me com a presença de uma delegação brasileira observadora na conferência de Bandung. Embora soubesse da presença de delegações observadoras de países africanos ou asiáticos não totalmente independentes, como indicado pelos boletins oficiais, não existem neles qualquer menção a presença de delegações do mesmo gênero como brasileira, europeias ou latino americanas. Mesmo estando presentes na cidade de Bandung durante a conferência, as delegações observadoras não tinham acesso às reuniões oficiais, feitas a portas fechadas, estando limitadas à mesma participação que jornalistas presentes em Bandung. Assim, mesmo presente em Bandung, a delegação brasileira continua ausente, sendo inclusive instalada em um hotel nas periferias de cidade, distante do caótico centro ocupado pelas delegações participantes e junto de delegações observadoras europeias.